



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

As experiências de perdão necessárias para a constituição humana: um diálogo entre a psicanálise winnicottiana e a teologia cristã

Experiences of forgiveness in human constitution: a dialogue between Winnicott's psychoanalysis and Christian Theology

João Pedro Jávera*

Resumo

Procura-se pensar na importância que a experiência de perdão ocupa no processo de constituição do ser humano, tanto a partir de contribuições vindas da psicanálise de Donald Winnicott e de sua teoria do amadurecimento humano, quanto por meio da teologia cristã. Ambas as perspectivas utilizadas possibilitam a compreensão do perdão a partir de duas qualidades, uma como o perdão silencioso, que é espera de alguém pelo amadurecimento de um outro, e outra como resposta a uma experiência de arrependimento, que faz surgir no homem um pedido explícito para ser perdoado. Também se discute o perdão como um aprendizado do cuidado recebido por alguém e como a possibilidade de vir a cuidar do mundo.

Palavras-chave

Perdão. Arrependimento. Constituição humana. Cuidado.

Abstract

The intention of this study is to reflect on the importance that the experience of forgiveness occupies in the process of human constitution, both through the psychoanalysis and human development theories of Donald Winnicott and through Christian theology's contributions to the subject. Both perspectives enable the understanding of forgiveness through two different qualities: the first is the silent forgiveness, which is one's await for another's maturity; the second is an answer to an experience of repentance, which arouses in men an explicit request to be forgiven. Finally, there is also a discussion regarding forgiveness as a learning of the care received by someone, as well as one's possibility of being able to take care of the world.

Keywords

Forgiveness. Repentance. Human constitution. Care.

[Texto recebido em 13/10/2015 e aceito em 26/04/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Mestrando em Psicologia Clínica pelo IPUSP, Instituto de Psicologia da USP, São Paulo/SP, Brasil. Email: jpjavera@hotmail.com

Considerações Iniciais

Muitos autores contemporâneos, sejam eles do campo da psicologia ou da teologia, têm assinalado uma forte presença de alguns princípios cristãos na teoria do psicanalista e pediatra inglês Donald Winnicott (1898-1971) a respeito da maneira com que o ser humano se constitui e se relaciona com os objetos do mundo e com as pessoas que estão à sua volta.

O psicólogo Safra (1999) irá apontar a presença do paradoxo como elemento fundamental na maneira de Winnicott compreender a formação do senso de realidade do homem - elemento-chave na teologia cristã - em que a questão da imanência e da transcendência apresentam-se sempre presentes na vida humana e não podem ser resolvidas. Ele também irá afirmar sobre a proximidade do pensamento de Winnicott ao cristianismo quando diz que a psicanálise que este autor apresenta “é uma psicanálise que vai falar de uma ontologia em que o nascimento de si-mesmo se dá na relação com o outro devotado.”¹

Wondracek (2012) demonstra a proximidade com que as narrativas cristãs estão presentes na teoria do desenvolvimento humano de Winnicott, trazendo a idéia de que elementos como agressividade e ressurreição fazem parte da maneira deste autor de compreender a passagem da *relação* do homem com os objetos, para a possibilidade de *usá-los*; movimento que aparece segundo a teoria do psicanalista, no momento da primeira infância, em que o bebê se encontra na passagem de uma relação subjetiva com a realidade, para uma forma mais objetiva de perber o outro e posicionar-se diante do mundo. Hopkins (1989) e Healy (2004) vão nesta mesma direção.

O trabalho de Parker (2011) por sua vez, vai no sentido de recolher alguns dados biográficos de Winnicott a fim de retrazar sua relação com o cristianismo, que originariamente vem de uma família protestante apoiada nas orientações de Wesley, portanto metodista, e que mais tarde faz uma aproximação maior ao anglicanismo. Este autor procura revelar o quanto o pensamento de Winnicott e seus principais conceitos, têm uma herança na tradição cristã. Goldman (1993) chega a pensar que a teoria winnicottiana é uma extensão do cristianismo, tal a semelhança que encontra em ambas as perspectivas.

Por outro, lado nossa visão é a de que, embora Winnicott tenha de fato incorporado em si várias das noções cristãs a respeito da compreensão da vida e do homem, faz um *uso pessoal* de todas as contribuições que encontra nessa religião, sendo que sua teoria, ao contrário de ser uma extensão, é uma nova contribuição para a compreensão da situação humana.

Encontramos nas palavras de sua segunda esposa, Claire Winnicott, uma passagem que corrobora com nossa impressão: “He [Winnicott] could be excited by other

¹ SAFRA, Gilberto. Influências teológicas nas teorias psicanalíticas. *Temas em psicologia*, v. 7, n. 2, 131-141, 1999. p. 138.

people's ideas, but could use them and build on them only after they had been through the refinery of his own experience."²

O próprio Winnicott confessa que o método pelo qual emprega a fim de desenvolver suas teorias se dá de uma maneira pouco disciplinada, não oferecendo-nos a chance de claramente definir de onde encontrou inspiração para desenvolver determinados pontos de seu pensamento. Ele afirma:

Não pretendo apresentar em primeiro lugar uma resenha histórica, mostrando o desenvolvimento de minhas idéias a partir das teorias de outras pessoas, porque minha mente não funciona dessa maneira. O que ocorre que eu junto isto e aquilo, aqui e ali, volto-me para a experiência clínica, formo minhas próprias teorias e então, em último lugar, passo a ter interesse em descobrir de onde roubei o quê. Talvez este seja um método tão bom quanto qualquer outro.³

Pelo fato de pensarmos que a teoria winnicottiana é um *outro* em relação às contribuições que podemos encontrar no cristianismo, e não uma extensão, ou seja, o mesmo dito de outra forma, nos é possível estabelecer um diálogo entre as duas perspectivas, a fim de encontrarmos complementaridade para a compreensão de certos fenômenos humanos.

Tenho trabalhado em meu mestrado na relação fundamental que há entre a experiência do arrependimento e à maneira pela qual o ser humano amadurece e se constitui como pessoa. Tanto a teoria do desenvolvimento emocional humano de Winnicott quanto a compreensão que o cristianismo nos oferece para entender esta relação, têm me servido de valioso material para meu objeto de estudo.

Se por um lado, a psicanálise nos ajuda a entender melhor qual o cenário, ou o contexto necessário para que fenômenos como o sentimento de culpa, arrependimento e perdão aconteçam entre os seres humanos, o cristianismo nos dá a oportunidade de compreender esses mesmos fenômenos em um outro registro, ou seja, na relação homem-Deus.

Minha intenção é poder, a partir dessas duas perspectivas teóricas - a teoria do amadurecimento de Winnicott e a teologia cristã -, pensar sobre o perdão, ou ainda, sobre os perdões necessários a serem experimentados pelo homem, tanto a partir de um eixo horizontal (relação do homem com seus iguais), quanto em um eixo vertical (relação do

² GRONLNICK, Simon. *Between reality and fantasy*. London: Jason and Aaron inc. ,1978, p.17. Uma possível tradução seria: "Ele poderia gostar bastante da idéia de outras pessoas, mas só poderia usá-las e criar a partir delas se elas passassem através da refinaria de suas próprias experiências."

³ WINNICOTT, Donald. *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 218.

homem com seu criador), para que ele possa de fato se realizar e se constituir como pessoa.

Afirmamos a presença de "perdões" nessas relações, não no sentido de frequência dessa experiência, mas porque distinguimos *duas qualidades distintas de perdão* - um que se dá por meio de uma postura sustentadora daquele que se encontra em uma posição mais madura que o outro, e que possibilita a experiência de culpa e arrependimento serem vividas, e outra qualidade de perdão que se dá como resposta a um pedido de desculpas. Iremos explorar com mais acuidade essa ideia com a ajuda de nossos interlocutores.

Holding, sentimento de culpa e a busca por perdão no estágio de concern em Winnicott

Um dos conceitos fundamentais do pensamento de Winnicott (1948) é o de "devoção materna primária". Podemos perceber na teoria deste autor uma grande importância dada para a relação que acontece no início da vida humana. As situações vividas na assim chamada primeira infância (do início da vida até por volta de um ano) é para Winnicott fundamental para tudo o que se desdobrará na vida humana em termos de saúde nas relações futuras.

Loparic (2001) chega a pensar até em uma mudança de paradigma criada por Winnicott dentro da psicanálise, uma vez que esta tem como alicerce inicial a compreensão do sofrimento humano a partir do complexo de Édipo (elemento fundamental no pensamento freudiano), enquanto que o psicanalista inglês dará ênfase à relação dual como grande definidora da problemática humana. Suas palavras apoiadas no trabalho de Philips (1988) o confirmam:

Para Winnicott, o ponto crucial da psicanálise era a vulnerabilidade inicial do bebê dependente dentro da relação dual com a mãe, e não o complexo de Édipo - a relação de três pessoas. Enquanto Freud, partindo da situação edípica, estava interessado na luta dos adultos com desejos incompatíveis e inaceitáveis, que colocariam em perigo suas possibilidades de satisfação. Winnicott, partindo do relacionamento caracterizado pela dependência (quase) total, tratava esses fenômenos como parte de um problema mais amplo das possibilidades do indivíduo de ter autenticidade pessoal, que ele viria a chamar de 'sentir-se real'.⁴

Até mesmo a maneira de Winnicott (1961) pensar em diagnósticos, se dá por meio da consideração do momento maturacional em que certas falhas ocorreram. As esquizofrenias e as psicoses seriam modalidades defensivas que teriam como decorrência

⁴ LOPARIC, Zeljko. Esboço do paradigma winnicottiano. *Cadernos de história e filosofia da ciência*, Cad. Hist. Fil. Ci., Campinas, Série 3, v. 11, n. 2, p. 7-58, jul.-dez. 2001. pp. 11-12. Disponível em: <<http://www.cle.unicamp.br/cadernos/pdf/Zeljko%20Loparic.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

falhas em um momento da vida do bebê muito precoce, em que seu *self* ainda não haveria se constituído de forma minimamente integrada. Falhas vividas nesta fase inicial da vida impedem a criança de alcançarem uma certa integração de si-mesmas e sentirem-se reais.

Desta forma, o lugar e o papel que a mãe ocupa na vida do bebê humano é de extrema importância para os destinos que este terá em sua vida relacional adulta. Dada a extrema precariedade com que o homem vem ao mundo, a necessidade de hospitalidade, disponibilidade, acolhimento e certo sacrifício do meio, são indispensáveis no que diz respeito à construção de um ambiente favorável ou facilitador para sua constituição humana. Todas essas qualidades maternas podem ser consideradas uma forma de sustentação (*holding*) do ambiente a fim de facilitar o amadurecimento da criança.

Para tal necessidade constatada pelo pediatra, Winnicott criou uma ideia de mãe que possuísse tais qualidades - tal fato pode ser encontrado no adjetivo escolhido "devotada". Quais seriam as tarefas de uma mãe na constituição ou no processo de amadurecimento de seu filho? Para Winnicott, uma boa mãe é aquela que não interfere no processo maturacional da criança, que tende naturalmente ao desenvolvimento. A mãe ideal (que na verdade é uma *mãe suficientemente boa* e que consegue se adaptar naturalmente às necessidades de seu filho, sem a ajuda de "técnicas de maternagens" previamente estabelecidas) é aquela que sobrevive à dissociação primária de seu filho que não é ainda capaz de relacionar-se com objetos totais, mas apenas com objetos parciais. Isso quer dizer que o bebê (até por volta dos seis meses de idade) vive a experiência com o outro de uma forma dividida, por meio de duas qualidades distintas de mãe, ao invés da mãe mesma (objetivamente observável). A esse respeito Winnicott afirmará:

É possível postular a existência para a criança imatura de duas mães - devo chamá-las de mãe-objeto e mãe-ambiente? ... me parece possível usar os termos mãe-objeto e mãe-ambiente nesse contexto para descrever a vasta diferença que existe para a criança entre os dois aspectos do cuidado materno; a mãe-objeto, ou aquela que é possuidora do objeto-parcial que irá satisfazer as necessidades da criança, e a mãe-ambiente como pessoa que vive o imprevisto e que ativamente provê o cuidado de suste e do manejo como um todo. O que o lactente faz no ápice da tensão do id e o uso que assim faz do objeto me parece muito diferente do uso que faz da mãe como parte do ambiente total. Nesta linguagem, é a mãe-ambiente que recebe tudo que pode ser chamado de afeição e coexistência sensorial; é a mãe-objeto que se torna o alvo da experiência excitante baseada na tensão crua do instinto.⁵

A forma com que o bebê busca o corpo de sua mãe nesse momento de seu desenvolvimento e investe sua vida instintiva na relação, é segundo Winnicott, impiedosa (*ruthless*). O amor impiedoso do bebê não se preocupa com os efeitos que pode gerar no

⁵ WINNICOTT, Donald. *The Maturational process and the facilitating environment*. London: Karnack Books, 1990, p. 75.

corpo de sua mãe, pois ainda não há integração suficiente do *self* para considerar o outro, uma vez que o outro é ainda é vivido como uma extensão de si. Será por meio do cuidado adaptativo da mãe, que é sensível às necessidades de seu filho, e de sua capacidade de sobrevivência aos "mal-tratos" advindos da maneira impiedosa de amar, que a mãe oferece sustentação para a criança, a ponto de ela conseguir pouco a pouco integrar esses dois aspectos maternos. Nas palavras do psicanalista encontramos:

Se a mãe se comporta de uma maneira altamente adaptativa ... ela é capaz de dar bastante tempo para a criança para que esta venha a perceber que o objeto dos ataques impiedosos é a mãe, a mesma pessoa que é responsável pelos cuidados da situação como um todo.⁶

No momento em que a criança é capaz de integrar a "mãe-ambiente" e a "mãe-objeto" na figura de uma só pessoa, ela começa a acessar um sentimento de culpa, uma vez que sente ter prejudicado alguém que ama.

É necessário lembrarmos que a possibilidade de sentir culpa é algo que somente surge com a ajuda e com a sustentação cuidadosa de um outro. Ela não é gratuita e não se faz de forma autônoma na vida humana. Muito é necessário que uma mãe suporte a fim de oferecer essa oportunidade para seu filho. Sustentação esta que implica uma sobrevivência física e emocional.

Nesse sentido, ousamos afirmar que a mãe suficientemente boa é aquele que consegue perdoar a imaturidade de seu filho, em um momento em que este ainda não pode se responsabilizar por sua vida instintiva e por suas ações. O perdão presente aqui se dá de forma silenciosa e não exige nenhum gesto do outro. Ele é pura oferta!

A trama do desenvolvimento maturacional de Winnicott continua com a possibilidade de o bebê humano poder acessar aquilo que ele chama de *concern*, ou seja, a consideração pelo outro, a preocupação pelos efeitos causados no outro devido à sua maneira de dirigir-se na relação. Culpa e *concern* não são a mesma coisa, uma vez que o primeiro, para Winnicott, é um sentimento que pode levar a criança a viver ansiedades terríveis, está fortemente ligado ao sentimento de onipotência e é um estado menos integrado que o *concern*.

Para este autor a culpa sentida inicialmente não conhece a esperança de se poder fazer reparação aos danos imaginados, o que acalmaria a criança e a permitiria esperar por uma oportunidade para desculpar-se e cuidar da relação. É somente com a ajuda da mãe, figura que mostra-se continuamente disponível para o cuidado, que a criança pode vir a conceber uma continuidade para si e para a relação. Winnicott ainda dirá:

O lactente sente ansiedade, porque se ele consumir a mãe ele a perderá, mas esta ansiedade se torna modificada pelo fato do bebê ter uma

⁶ WINNICOTT, 1990, p. 22.

contribuição a fazer à mãe-ambiente. Há uma confiança crescente de que haverá oportunidade para contribuir, para dar à mãe-ambiente, uma confiança que torna o lactente capaz de tolerar a ansiedade. A ansiedade tolerada deste modo se torna alterada em sua qualidade e se torna sentimento de culpa ... Os impulsos instintivos levam ao uso impiedoso dos objetos, e daí a um sentimento de culpa que é retido e mitigado pela contribuição à mãe-ambiente que o lactente pode fazer no decurso de algumas horas ... Deste modo a culpa não é sentida, mas permanece dormente, ou em potencial, e aparece (como tristeza ou estado de ânimo deprimido) somente se não surge a oportunidade de fazer reparação.⁷

Quando o sentimento de culpa é acessado e pode ser vivido como preocupação - e isso só é possível por uma postura amorosa da mãe, o bebê é encorajado a fazer reparações pelos estragos que imagina ter causado no corpo de sua mãe. A reparação, ao nosso ver, já é um pedido explícito de perdão, uma forma de buscar a reconciliação e de realizar a manutenção da relação, e dessa forma, demanda um gesto de perdão.

A mãe que sobrevive a essas experiências e não retalia, é capaz de perdoar seu filho e auxiliá-lo a desenvolver-se mais e mais em direção a maior integração. Aqui é que podemos localizar nossa segunda qualidade de perdão - um perdão visível, e que nasce de um pedido observável.

Os perdões que podemos conceitualizar a partir da teoria winnicottiana são uma forma de compreensão por parte da mãe da condição emocional de seu filho. Eles permitem com que a maturidade aconteça e possa se desenvolver com certa liberdade, sem a presença de um medo excessivo que poderia paralisá-la. Sem essas duas qualidades de perdão oferecidos pelo outro, não é possível um desenvolvimento saudável do ser humano no seu início de vida.

Temas como esses que aparecem na teoria winnicottiana, sejam de forma explícita ou implícita, como sentimento de culpa, possibilidade de responsabilizar-se pelos próprios atos, arrependimento e perdão, também podem ser encontrados na teologia cristã.

A Misericórdia divina como aposta pelo amadurecimento humano e a possibilidade do arrependimento

O cristianismo oferece uma narrativa que nos ajuda a pensar de que maneira a relação homem/Deus se desenvolve e de que maneira o homem pode aproximar-se de seu criador e realizar Seu plano divino. Podemos logo no início das Sagradas Escrituras (Gn 3, 8-13) encontrar a ideia de que a desobediência humana implicou em uma ruptura da relação do homem com seu criador. A escolha do primeiro homem em provar do fruto proibido, pode ser compreendida como uma maneira desse de buscar no mundo externo, ou seja, fora da relação primordial com Deus, um caminho possível para sua realização.

⁷ WINNICOTT, Donald. *A Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.77.

Desta maneira, a desobediência e a busca por autossuficiência são as marcas do primeiro pecado humano. Logo após esse primeiro pecado, temos um outro, que endossa a escolha humana pelo autoisolamento: a incapacidade de arrepende-se e de humildemente voltar-se a Deus em busca por reconciliação. O teólogo russo Vladimir Lossky lembra as palavras de um dos antigos Padres da Igreja e afirma que:

São Simeão vê um progressivo desenvolvimento do pecado no fato de o homem, ao invés de arrepende-se, tenta justificar-se diante de Deus. Adão dirige toda responsabilidade para Eva, 'a mulher que puseste junto de mim', e desta maneira faz Deus ser a causa de sua queda. Eva acusa a serpente. Nessa recusa de reconhecer que a única origem do mal está em sua própria liberdade de escolha, o homem rejeita a possibilidade de libertar-se do mal, e submete sua liberdade à necessidade externa.⁸

Adão não consegue experimentar o arrependimento nesse momento de seu percurso e isso adiará o encontro íntimo entre ele e seu Pai. No entanto, Deus não irá desistir do homem e mesmo não encontrando receptividade no coração humanos para o retorno⁹ a esta relação, sustentará a humanidade por meio do seu amor e de sua espera, a fim de que essa consiga desejar o reencontro de maneira livre.

Ainda que Deus respeite a liberdade do homem para que esse responda ao seu amor livremente, é necessário que Ele sustente a humanidade por meio de uma presença muitas vezes silenciosa. Há uma espera divina pelo "sim" espontâneo do homem, uma espera pelo gesto que o primeiro homem não conseguiu alcançar, ou seja, por um arrependimento.

As palavras encontradas em Jeremias vão nessa direção: "Talvez a gente de Judá perceba todo mal que tenciono causar-lhe, de tal forma que, cada um se convertendo de sua má conduta, eu possa perdoar seus crimes e suas faltas." (Jr 36.3)

Deus sonda a humanidade ao longo dos séculos a fim de encontrar pessoas que estejam posicionadas na humildade, e assim ponham-se à disposição para relacionar-se com Ele. A necessidade de viver o arrependimento atravessa toda a Bíblia. Torrance (2013) irá declarar que "para a Igreja Antiga, os profetas sempre foram compreendidos, de um

⁸ LOSSKY, Vladimir. *Orthodox Theology: An Introduction*. New York: Saint Vladimir Press, 1976, p. 131
A passagem Bíblica diz o seguinte: Eles [Adão e Eva] ouviram o passo de Iahweh Deus que passeava no jardim, à brisa do dia, e o homem e sua mulher se esconderam da presença de Iahweh Deus, entre as árvores do jardim. Iahweh Deus chamou o homem: "Onde estás?", disse ele. "Ouvi teu passo no jardim", respondeu o homem; "tive medo porque estou nu, e me escondi." Ele retomou: "E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então da árvore que te proibi de comer!" O homem respondeu: "A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!" Iahweh Deus disse à mulher: "Que fizeste?" E a mulher respondeu: "A serpente me seduziu e eu comi." (Gn 3:8-13)

⁹ Interessante o fato de a palavra hebraica *teshuva*, traduzida para nós por arrependimento, ter tradução literal de retorno.

lado, como aqueles que profetizavam o advento do Cristo, e de outro, como pregadores do arrependimento."¹⁰

Podemos assim, perceber um desejo por parte de Deus em perdoar o homem, e nesse sentido podemos afirmar que há um "pré-perdão" divino, um perdão antecipado, que *possibilita* o homem retornar a si mesmo e assim buscar a relação com o Pai celestial. Sem essa postura de sustentação, o ser humano não consegue alcançar nem mesmo o arrependimento. Talvez a reação humana diante da conscientização de seus pecados sem essa presença divina sustentadora, seria o puro desespero.

As palavras do Apóstolo Paulo confirmam nossa impressão, quando ele diz:

Sim, se eu vos contristei com minha carta, não o lastimo... E se o lastimei - aquela carta, constato, vos entristeceu, nem que fosse por um momento - , alegro-me agora, não pela vossa tristeza, mas pelo arrependimento que ela produziu. Pois a vossa tristeza foi segundo Deus; assim, da nossa parte, não sofrestes nenhum dano. Pois a tristeza segundo Deus produz um arrependimento que conduz à salvação e portanto não deixa lugar ao remorso... A tristeza segundo este mundo produz morte.¹¹ (II Cor 7, 8-10)

O homem não alcança o arrependimento por si só; são necessárias a intervenção e a ajuda divinas para que o sentimento de culpa possa ser transformado e vir a ser aproveitado a fim de que gere uma mudança de mentalidade e de disposição (*metanoia*¹²) no ser humano. O arrependimento quando alcançado ajuda o homem a abandonar sua obstinação de tentar realizar-se sozinho, prescindindo de Deus, e o faz buscar seu criador, reconhecendo-O como único a possibilitar sua real constituição. A esse respeito Lossy afirma:

Graça e liberdade humana são manifestações simultâneas e não podem ser concebidas uma sem a outra. São Gregório de Nissa descreve muito claramente a ligação recíproca que faz graça e vontade [humana] dois polos de uma mesma realidade: Assim como a graça de Deus não pode descer sobre nossas almas quando visam escapar da salvação, também o poder da virtude humana não é em si suficiente para elevar à perfeição almas que não compartilham da graça [...] o trabalho correto [da vontade] e a graça do Espírito, vindo juntos ao mesmo lugar, preenchem a alma em que eles estão unidos com a vida do abençoado [...] Graça é uma presença de Deus dentro de nós que demanda constante esforço de nossas partes.¹³

A essa sustentação divina é que podemos chamar de o perdão silencioso de Deus, perdão que é espera pela maturidade do homem. Uma vez que o homem consegue fazer o

¹⁰ TORRANCE, Alexis. *Repentance in Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 40

¹¹ A Bíblia Edumênica TEB, São Paulo: Edições Loyola, 1988, II Cor 7, 8-10.

¹² A palavra grega *metanoia* significa literalmente mudança de mentalidade, transformação de consciência. O prefixo *meta* traz a idéia de "para além de", enquanto que *noia* deriva do substantivo *nous*, que quer dizer mente, espírito.

¹³ LOSSKY, 1976, pp.196-7

gesto de arrependimento, pode vir a fazer um pedido explícito de perdão, e então a Misericórdia divina não tardará em atendê-lo. O asceta cristão Santo Isaac, o sírio tem uma linda frase em uma de suas homilias que diz: "Nossa frágil natureza não se tornaria forte o suficiente, se a justiça de Deus se erguesse para obter vingança."¹⁴

Podemos agora conceituar uma outra qualidade de perdão, que é este que nasce de uma ação do outro arrependido, ou seja, de um pedido. Misericórdia como espera e resposta compassiva ao arrependimento humano são duas maneiras distintas de Deus apresentar seu perdão ao homem.

O encontro entre as perspectivas apresentadas e uma terceira manifestação de perdão

Tanto na perspectiva psicanalítica de Winnicott, que procura compreender o percurso do amadurecimento humano na relação com seu ambiente, como nas contribuições que a teologia cristã oferece a respeito das etapas necessárias a serem percorridas pelo homem a fim de realizar-se plenamente no (re) encontro com seu criador, que diz respeito à necessidade humana de viver experiências como o sentimento de culpa, o arrependimento e perdão, ou ainda, os perdões, a fim de se constituir como pessoa.

Ambas as perspectivas nos possibilitam pensar em um perdão que é oferta de um ser maduro na relação com alguém que ainda está em vias de se constituir e vive a partir de uma consciência dissociada e não responsável por suas ações no mundo; e outro que é resposta a um pedido explícito de reconciliação produzido por uma experiência de arrependimento.

Arrependimento e perdão são, portanto, experiências que só podem acontecer em uma relação de diálogo, confiança, e de profunda intimidade. Tanto a clínica de Winnicott como a religião cristã, prezam essas qualidades e propõem que o percurso humano seja realizado por meio delas. O ambiente é um fator extremamente relevante na teoria winnicottiana do amadurecimento, pois reconhece que a pobreza humana é grande, e sem o auxílio de alguém amoroso, constante e implicado no cuidado, o crescimento não é possível. O cristianismo também nos oferece uma imagem de Deus como Ser presente e amoroso, que acompanha o desenvolvimento da humanidade e aguarda ativamente sua realização. A famosa frase de João Guimarães Rosa fala de fato uma verdade: "Deus é paciência".

Essas duas qualidades de perdão, inesperadamente podem fazer surgir uma terceira manifestação de si, que seria justamente o aprendizado a perdoar. Quem recebe o perdão de um outro e quem reconhece que só pôde amadurecer em virtude do perdão de alguém, pode vir a também manifestar essa possibilidade nas suas relações.

¹⁴ Ascetical Homilies of St Isaac the Syrian. New York: Holy Transfiguration Monastery, 2011, Homilia 64.

Por meio da perspectiva winnicottiana poderíamos afirmar que aquele que foi perdoado, foi cuidado. Em quem foi cuidado pode cuidar.

No cristianismo, também há essa mesma ideia da propagação do perdão. Assim como o homem foi perdoado pelo Cristo por todos os pecados, também ele deve perdoar o seu próximo. As palavras do Evangelista afirmam: “Acautelai-vos! Se teu irmão pecar, repreende-o; e se ele se arrepender, perdoa-o. E caso ele peque contra ti sete vezes por dia e sete vezes retornar, dizendo: 'Eu estou arrependido', tu o perdoarás”. (Lc. 17: 3-4)¹⁵ O perdão é, portanto, uma das manifestações do amor, qualidade divina que pode ser assimilada pelo homem e praticada em todas suas relações, a fim de que o encontro entre as diferenças possa acontecer e a constituição humana se realizar.

Referências

A Bíblia Ecumênica TEB, São Paulo: Edições Loyola, 1988.

GRONLNICK, Simon. *Between reality and fantasy*. London: Jason and Aaron inc. ,1978.

LOPARIC, Zileijko. Esboço do paradigma winnicottiano. *Cadernos de história e filosofia da ciência*, 11(2), 7-58, 2001.

LOSSKY, Vladimir. *Orthodox Theology: An Introduction*. New York: Saint Vladimir Press, 1976.

PARKER, Stephen. *Winnicott and Religion*. New York: Janson and Aaron, 2011.

SAFRA, Gilberto. Influências teológicas nas teorias psicanalíticas. *Temas em psicologia*, vol. 7, n. 2, 131-141, 1999. Disponível em: <pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v7n2/v7n2a04.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.

TORRANCE, Alexis. *Repentance in Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WINNICOTT, Donald. *A Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____. *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. *The Maturational process and the facilitating environment*. London: Karnack Books, 1990.

WONDRACEK, Karin. Mediação e uso de objeto: Contribuições das narrativas cristãs em Pfister e Winnicott. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DAS FACULDADES EST, I, 2012, São Leopoldo. *Anais do...* São Leopoldo, Faculdades EST, v. 1, 2012, p. 1311-1323. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/96/93>>. Acesso em: 10 set. 2015.

¹⁵ A Bíblia Edumênica TEB, São Paulo: Edições Loyola, 1988